

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

ISABELA SEGALA

**DOWN TO YOU: ALAGOANOS COMPROMETIDOS EM MELHORAR A
QUALIDADE DE VIDA DAS PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN**

Maceió
2022

ISABELA SEGALA

**DOWN TO YOU: ALAGOANOS COMPROMETIDOS EM MELHORAR A
QUALIDADE DE VIDA DAS PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Jornalismo da Universidade Federal de
Alagoas, como requisito para obtenção
do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Laís Falcão
Barros de Almeida

Maceió
2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário Responsável: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 - 1767

S454d Segala, Isabela.

Down to you : alagoanos comprometidos em melhorar a qualidade de vida das pessoas com síndrome de down / Isabela Segala. – 2022.

36 f.

Orientadora: Laís Falcão Barros de Almeida.

Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Bacharelado em Jornalismo) –
Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes.
Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 34-35.

Apêndice: f. 36.

1. Webjornalismo. 2. Reportagem - Multimídia. 3. Síndrome de down -Alagoas.
I. Título.

CDU: 070(813.5)-056.37

FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTORA: ISABELA SEGALA

(Down To You: Alagoanos Comprometidos em Melhorar a Qualidade de Vida das Pessoas com Síndrome de Down / trabalho de conclusão de curso em Jornalismo, da Universidade Federal de Alagoas, na forma normalizada e de uso obrigatório)

Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo e aprovado em 6 de junho de 2022.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Laís Falcão Barros de Almeida
Universidade Federal de Alagoas (Orientadora)

Profa. Dra. Janyna da Silva Ávila
Universidade Federal de Alagoas (Examinadora Interna)

Profa. Dra. Lídia Maria Marinho da Pureza Ramires
Universidade Federal de Alagoas (Examinadora Interna)

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a minha orientadora, Laís Falcão, que conduziu o presente trabalho com dedicação, compreensão e paciência, sempre disposta a compartilhar suas experiências e conhecimentos. Aos meus pais, Maria Jucirene e Marcos Segala, por nunca terem medido esforços para me proporcionar a melhor educação e valores que carrego comigo por toda a vida. As minhas irmãs, Fernanda Segala e Luisa Segala que são como luz para mim, mesmo nos momentos mais escuros. A Viviane Lima que, muito mais que uma colega de curso, é uma amiga excepcional que dividiu um lar comigo e me inspirou a prosseguir quando eu não acreditei que seria capaz de vencer as dificuldades acadêmicas e pessoais. Agradeço, carinhosamente, as minhas amigas Bárbara Acioli, Lanai Bomfim e Juliana Oliveira e ao querido Roberto Montenegro, meu irmão de coração. Não tenho palavras para agradecer a Laís Farias, que me auxiliou no processo de design do site, seu talento, bem como senso de humor, não tem limites. Aos meus colegas de curso, com quem convivi intensamente nos últimos anos, pela amizade incondicional, companheirismo e troca de experiências que transformaram a mim e a minha jornada. Aos professores, por toda ajuda, conselhos e ensinamentos que guiaram a minha formação acadêmica com determinação e afincos, levarei seus exemplos comigo durante toda minha jornada. Meu muito obrigada a todos as personagens, profissionais, especialistas e figuras públicas que me concederam as entrevistas de forma generosa e solícita, sempre dispostos a me auxiliar. Ao Instituto Amor 21 que me ofereceu todas as ferramentas e informações que precisei durante todo o tempo de duração do presente trabalho. Vocês estão transformando a vida de milhares de pessoas com síndrome de down e suas famílias. Agradeço a grande estrela deste trabalho Bárbara Francielle e a toda sua família, que me acolheram quando estive sozinha e me deram um lar e uma família para chamar de minha. Babi, muito mais do que minha melhor amiga, é a pessoa de quem mais sinto orgulho. Estar ao seu lado durante esses anos me modificou profundamente, eu te amo. A Deus, pela minha vida e por me conceder saúde e determinação para enfrentar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho. Meu eterno agradecimento a Universidade Federal de Alagoas por ter sido mais que uma escola, foi uma casa que me moldou, desafiou, exigiu e me transformou na pessoa e profissional dedicada que sou.

RESUMO

A síndrome de down é uma condição cromossômica caracterizada pela presença de um cromossomo extra no par 21. Pessoas que possuem a síndrome de down apresentam déficits no desenvolvimento intelectual, especificamente, atrasos no campo da aquisição da linguagem, da cognição e comunicação, no desenvolvimento motor e na estatura, relacionados ao crescimento e ganho de peso. Contudo, os indivíduos com síndrome de down são pessoas com personalidade única, plenamente capazes de estabelecer uma boa comunicação e sensíveis, com habilidade de exercer as mesmas atividades e funções sociais que uma pessoa que não tenha síndrome de down. Para que sejam dadas todas as possibilidades e os direitos garantidos a esses indivíduos, é necessário que seja garantida a plena inserção social. Este trabalho consiste em uma reportagem multimídia em site, acerca do universo da síndrome de down na capital alagoana, investigando os processos pelos quais passam o indivíduo com a síndrome de down, suas instituições e suas famílias. O trabalho busca informar no ambiente online sobre as principais questões que envolvem o universo da síndrome de down, tendo como enfoque a vivência dos alagoanos que estão comprometidos em melhorar a qualidade de vida das pessoas com síndrome de down. A fim de divulgar esses conhecimentos, auxiliar famílias, fomentar a discussão e desmistificar o tema.

Palavras-chave: webjornalismo; jornalismo multimídia; reportagem; síndrome de down; equidade.

ABSTRACT

Down syndrome is a chromosomal condition characterized by the presence of an extra chromosome in pair 21. People who have down syndrome have deficits in intellectual development, specifically, delays in the field of language acquisition, cognition and communication, in motor development and in height, related to growth and weight gain. However, individuals with down syndrome are people with a unique personality, fully capable of establishing good communication and sensitive, with the ability to perform the same activities and social functions as a person who does not have down syndrome. In order to give all the possibilities and the guaranteed rights to these individuals, it is necessary that full social insertion is guaranteed. This work consists of a multimedia report on a website, about the universe of down syndrome in the capital of Alagoas, investigating the processes that the individual with down syndrome, their institutions and their families go through. The work seeks to inform in the online environment about the main issues surrounding the universe of down syndrome focusing on the experience of Alagoas who are committed to improving the quality of life of people with down syndrome. In order to disseminate this knowledge, assist families, encourage discussion and demystify the topic.

KEY WORDS: webjournalism; multimedia journalism; reporting; down syndrome; equity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 OBJETIVOS.....	10
2.1 GERAL.....	10
2.2 ESPECÍFICOS.....	10
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
3.1 JORNALISMO DIGITAL E MULTIMÍDIA	11
3.1.1 Webjornalismo e Saúde	17
3.2 ESPECIAL E REPORTAGEM MULTIMÍDIA	17
4 PROCESSO DE PRODUÇÃO.	25
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.	30
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS.....	34
APÊNDICE	36

1 INTRODUÇÃO

A temática da síndrome de down é extremamente rica e até o presente momento, pouco abordada em trabalhos acadêmicos no campo da comunicação social. Na imprensa brasileira, por sua vez, a pauta da síndrome de down vem sendo abordada em alguns contextos nas últimas décadas, relatando avanços da ciência, as atividades de grupos e institutos, e conquistas da população down. Infelizmente, essa é uma pauta geralmente abordada apenas no dia 21 de março: Dia Internacional da Síndrome de Down.

Esta reportagem multimídia tem como proposta abordar a atuação dos alagoanos comprometidos em melhorar a qualidade de vida das pessoas com síndrome de down, explorando as iniciativas locais do estado de Alagoas. Esse é o trabalho mais significativo que já fiz, contribuindo imensamente para meu desenvolvimento como jornalista, ao permitir que eu desenvolvesse todas as ferramentas que aprendi ao longo da minha formação, impondo desafios e aprimorando minhas habilidades enquanto profissional de comunicação. Enquanto pessoa, este trabalho foi responsável pela quebra de tabus e preconceitos, moldando um olhar mais sensível, empático e atento para as questões sociais envolvendo qualquer tipo de marginalização. Tive a oportunidade de conhecer pessoas incríveis e iniciativas que verdadeiramente causam um impacto positivo na vida dos indivíduos com síndrome de down e seus familiares.

Portanto, o objetivo deste trabalho é o de construir uma reportagem multimídia sobre síndrome de down, proporcionar a pesquisa sobre a pauta, entrevistar os principais nomes envolvidos com a temática em Alagoas e finalizar uma produção jornalística completa e instrutiva sobre o assunto, que possa se comunicar com muitas pessoas, principalmente as com síndrome de down. Servindo também como importante registro para a comunidade down, contribuindo para a discussão e repercussão do tema no Estado.

Auxiliando no crescimento da visibilidade, o que fomenta o interesse pelo tema e também exerce a função social de comunicar, instruir e compartilhar informação. A escolha da temática se deu por conta da minha melhor amiga, Bárbara Francielle, alagoana com síndrome de down. Ela é minha grande inspiração e foi graças a ela que tive acesso ao universo da síndrome de down e suas carências a nível estadual, o que foi fator principal para a decisão da construção dessa reportagem multimídia. Ela foi a personagem principal da reportagem e participou dela em diversos momentos: abro a reportagem contando a nossa

história, posteriormente ela quem apresenta a viagem da caravana da inclusão em vídeo, também foi entrevistada em seu ambiente de trabalho e, ao final da reportagem, quando foi aprovada na Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

A escolha de fazer uma reportagem multimídia como produto experimental se deu por ser um formato que possibilita um contato direto com as fontes relacionadas a temática, o que é fundamental para a compreensão do universo da síndrome de down, permite a utilização de diversas mídias, como áudio, audiovisual, fotografia e texto. Outro fator essencial é o fato da reportagem ficar hospedada em uma plataforma online, o que facilita o acesso a esse conteúdo por diversas pessoas. O nome do site “Down to you” está em inglês para otimizar o alcance da reportagem via algoritmo para todo mundo, uma vez que o inglês é considerado uma língua universal. Quanto maior o alcance, maior a possibilidade de expansão da temática da síndrome de down pelo mundo. Outro fator importante para ter escolhido o inglês foi considerando o fato de a própria síndrome de *down* possuir essa palavra em homenagem ao médico que descreveu esta síndrome: John Langdon Down.

A fundamentação teórica deste trabalho é o jornalismo digital, explorando principalmente webjornalismo e jornalismo multimídia, seguindo as técnicas jornalísticas necessária para a produção de uma reportagem desde a pauta até a edição final, seguindo os princípios e valores éticos do jornalismo, nos quais baseio a minha conduta profissional. O produto busca contribuir para a área do jornalismo, principalmente para o jornalismo alagoano. Transformando a reportagem em um produto acadêmico completo, importante e bem fundamentado. A escolha do formato reportagem multimídia também se deve ao fato do mesmo estar diretamente relacionado com a minha formação em Jornalismo na UFAL, o que contribuirá imensamente para o enriquecimento do meu desempenho profissional, ao passo que, espero também contribuir através do jornalismo para a ampliação do alcance da temática.

Por fim, a grande reportagem multimídia está dividida nas retrancas “Babi me ensinou”, “População down necessita de dados precisos”, “Particularidades da síndrome de down”, “Acompanhamento com profissionais da saúde”, “Estimulando o desenvolvimento”, “Legislação e políticas públicas”, “A jornada da educação inclusiva”, “Mercado de trabalho e autonomia”, “O papel das instituições”, “Arte e cultura” e “Babi é fera UFAL”.¹

¹ Disponível em: <https://downtoyoutcc.wixsite.com/website>. Acesso em: 29 abril 2022.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL:

Elaborar uma reportagem multimídia em site na plataforma “wix.com”, sobre alagoanos comprometidos em melhorar a qualidade de vida das pessoas com síndrome de down, tendo como base as técnicas jornalísticas de produção de reportagem e uma conduta ética e humanizada da profissão.

2.2 ESPECÍFICOS:

- Informar sobre a síndrome de down;
- Contar histórias de alagoanos com síndrome de down e de pessoas comprometidas com a causa down no Estado;
- Explicar a questão psicossocial envolvendo os indivíduos com síndrome de down e suas famílias;
- Reforçar a relevância das organizações de apoio;
- Apresentar como ocorre a inclusão no mercado de trabalho e institutos de ensino;
- Discutir as propostas e posicionamentos de representantes de órgãos públicos sobre acessibilidade e políticas públicas voltadas à comunidade com síndrome de down.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 JORNALISMO DIGITAL E MULTIMÍDIA

O surgimento de novos meios de comunicação social introduziu novas dinâmicas e novas linguagens jornalísticas. O chamado jornalismo na web é mais do que uma simples transposição dos jornalisismos impresso, radiofônico e televisivo para um novo meio, além de ser rico em gêneros e formatos jornalísticos que resultam em uma gama variada de produtos, como a reportagem multimídia. Com fundamento em texto, imagem em movimento e som, o webjornalismo pode explorar as mais diversas potências da web.

Quanto às terminologias do jornalismo nas ambientações digitais, há uma discussão sobre a terminologia a ser utilizada, mas em linhas gerais autores usam termos distintos para descrevê-lo. Os norte-americanos utilizam o termo jornalismo online ou digital e os brasileiros se guiaram pelos norte-americanos. Helder Bastos (2000) utiliza o termo jornalismo eletrônico para englobar ambos jornalisismos online e digital. O jornalismo online é, portanto, a pesquisa que é realizada previamente nas redes, com dados e informações circulando em tempo real, cujo propósito é o de realizar a apuração jornalística (pesquisa de conteúdo, recolha de informações e contato com fontes). Já o jornalismo digital, segundo o autor, seria aquele referente as possibilidades de disponibilização de informações jornalística na rede.

Elias Machado (2003), por sua vez, prefere a denominação jornalismo digital, pois acredita que o conceito digital remete à particularidade desse novo suporte e o termo online é apenas uma característica do ambiente, ao invés de considerar todos os detalhes da nova realidade. Por isso seria mais indicado utilizar o termo jornalismo digital. Por outro lado, Luciana Mielniczuk (2003) propõe uma sistematização que privilegie os meios tecnológicos como fator determinante para elaborar a denominação do tipo de prática jornalística. A faixa eletrônica será a mais abrangente, pois, na maioria dos casos, o equipamento técnico utilizado no jornalismo é eletrônico. Dentro do espectro eletrônico, existe também a tecnologia digital, também denominado jornalismo multimídia, pois implica na possibilidade de manipulação conjunta de dados digitalizados (em código binário ou *bits*) de diferentes naturezas: som, imagem e texto.

Já o ciberjornalismo se refere ao jornalismo exercido com o amparo das múltiplas possibilidades tecnológicas, fornecidas pela cibernética ou ao jornalismo realizado no ciberespaço. Um exemplo da prática do ciberjornalismo é a utilização de um computador para gerenciar um banco de dados na hora de elaborar uma matéria. Enquanto o termo online diz respeito a ideia de conexão em tempo real, com fluxo de informação quase instantâneo e contínuo. Enquanto o webjornalismo reporta a um setor específico da internet, a web, que disponibiliza interfaces gráficas de maneira amigável, via protocolo HTTP (*Hypertext Transfer Protocol*). A internet, por sua vez, envolve processos e recursos que são mais amplos do que a própria web, como o envio e recebimento de *e-mails*.

Tabela 1 – Resumo das terminologias do jornalismo na web

Nomenclatura	Definição
Jornalismo eletrônico	utiliza de equipamentos e recursos eletrônicos.
Jornalismo digital ou Jornalismo multimídia	emprega tecnologia digital, todo e qualquer procedimento que implica no tratamento de dados em forma de <i>bits</i> .
Ciberjornalismo	envolve tecnologias que utilizam o ciberespaço.
Jornalismo <i>online</i>	é desenvolvido utilizando tecnologias de transmissão de dados em rede e em tempo real.
Webjornalismo	diz respeito à utilização de uma parte específica da internet, que é a <i>web</i> .

Fonte: (MIELNICZUK, 2003, p. 27).

John Pavlik (2001) realizou uma sistematização das três fases do jornalismo no webjornalismo. Na primeira fase, se sobrepõem os sites que publicam conteúdo elaborado em primeira mão, para as edições em outros meios, atribuído pelo autor como “modelo-mãe” Na segunda fase, os jornalistas passam a criar conteúdos originais para a rede, utilizando de *hyperlinks* para outros websites. A terceira fase é caracterizada pela elaboração de materiais noticiosos originais, especificamente voltados para a *web*, assim como o seu reconhecimento como um novo meio de comunicação.

Ao sistematizar alguns conhecimentos sobre jornalismo na web, Luciana Mielniczuk (2003) propõe a divisão da trajetória percorrida pelos produtos jornalísticos desenvolvidos nesse ambiente digital em três momentos: webjornalismo de primeira, segunda e terceira geração. Na primeira geração, os produtos oferecidos na internet eram reproduções dos conteúdos dos jornais impressos. Sem haver uma preocupação de inovar a apresentação das narrativas jornalísticas. Na segunda, ao mesmo tempo em que se ancoram no modelo de

jornal impresso, as publicações para web passam a explorar as potencialidades do novo ambiente, tais como *links*, *e-mail*, fóruns, debates e recursos do hipertexto como a seções “últimas notícias”.

O cenário se modifica na terceira geração e surgem iniciativas editoriais voltadas exclusivamente para a web. Os produtos desta geração buscam, efetivamente, explorar as potencialidades da web para fins jornalísticos, apresentando recursos em multimídia como sons e animações que enriquecem a narrativa jornalística, recursos de interatividade como *chats*, enquetes, fóruns de discussões; apresentam opções para configurar o produto de acordo com as preferências do usuário; e a utilização do hipertexto. O webjornalismo também têm sete características que marcam sua diferença: hipertextualidade, multimidialidade, interatividade, memória, instantaneidade, personalização e ubiquidade (CANAVILHAS, 2014).

A multimidialidade ou convergência é a disponibilidade do conteúdo em diversas plataformas, formatos, sendo capaz de atingir resultados de audiência mais satisfatórios. A multimedialidade como polivalência refere-se a pluralidade do exercício do jornalismo por esses profissionais que passaram a exercer várias funções: redação, escrita, fotografia, gravação, entrevista, etc. O cargo agora exige a multifuncionalidade dos jornalistas, que precisam produzir conteúdos e notícias para diversas mídias ao trabalhar com um assunto.

Voltando as potencialidades da web exploradas no webjornalismo. A web agrega ao jornalismo elementos multimídias que modificam a forma como se consome matérias jornalísticas nesse ambiente.

Assim passo a chamar webjornalismo ao jornalismo que se pode fazer na web. A introdução de diferentes elementos multimídia altera o processo de produção noticiosa e a forma de ler. O grande desafio feito ao webjornalismo é a procura de uma “linguagem amiga” (...) adaptada às exigências de um público que exige maior rigor e objetividade. (CANAVILHAS, 2001, p. 64).

Quanto a ótica de texto e interatividade, O autor afirma que a máxima “nós escrevemos, vocês leem” não se faz mais presente. A interação entre o “nós” e “vocês” é cada vez mais possível e direta, os internautas tem acesso aos produtores das matérias jornalísticas e essa é uma forte característica do webjornalismo.

A relação pode ser contínua e imediata, pois a natureza da web possibilita que o *webleitor* interaja no momento com um endereço eletrônico fornecido pelo jornalista, clicando em um *hiperlink*, por exemplo. Ou a depender do tema, as matérias jornalísticas podem incluir um “faça seu comentário”. No webjornalismo a matéria jornalística deve ser encarada como o início de algo e não tendo fim em si.

O estudo “Source Effects in Users’ Perception of Online News” (SUNDAR; NASS, 1996) realizado pelo *Media Effects Research Laboratory* aponta que os leitores consideram que o recurso à interatividade e a elementos adicionais (vídeos, som, fóruns, etc.) melhoram a percepção do usuário sobre o conteúdo. Com base no estudo, a respeito de texto e hipertexto, os usuários preferem navegar de forma livre em um texto que esteja separado por blocos do que obrigatoriamente seguir a leitura de um texto compacto, escrito de acordo com as regras da pirâmide invertida. Essa possibilidade de ser o condutor da própria leitura demonstra uma tendência do usuário de assumir um papel proativo com a matéria jornalística.

No webjornalismo a pirâmide é substituída por uma série de pequenos textos hiperligados entre si. Um primeiro texto apresenta o essencial da notícia, enquanto os outros blocos de informação estão disponíveis através da hiperligação. O estudo “Concise, Scannable, and Objective: How to Write for the Web” efetuado por Jacob Nielsen e John Morke (1997)², revela que 79% dos usuários que navegam na internet, não leem a notícia palavra por palavra. O estudo sugere que os webjornalistas utilizem um “texto escaneável”: destacando palavras chaves por hiperligação ou cores, utilizando subtítulos, exprimindo uma ideia por parágrafo, texto conciso, utilização de listas sempre que a notícia permita. Sobre os recursos multimídias no webjornalismo:

A integração de elementos multimídia na notícia obriga a uma leitura não-linear, perante um texto ou imagem se verifica imediatamente uma associação mental entre dois campos, assim a disponibilização de um complemento informativo permite ao indivíduo recorrer a ele sem que isso provoque alterações no esquema mental de percepção da notícia. Esta estrutura narrativa exige uma maior concentração do utilizador na notícia, mas esse é precisamente o objetivo do webjornalismo: um jornalismo participado por via da interação entre emissor e receptor. (CANAVILHA, 2003, p. 67).

Áudios e vídeos são elementos que enriquecem a reportagem, desenvolvendo um

² Disponível em: <https://www.nngroup.com/articles/concise-scannable-and-objective-how-to-write-for-the-web/>. Acesso em: 29 abril 2022.

caráter legitimador para as informações apresentadas no texto. A introdução desses elementos não-textuais viabiliza que o leitor explore a reportagem de forma pessoal. O jornalista passa a atuar também como produtor de conteúdos - webjornalista. Entre os exemplos de possíveis integrações da webnotícia estão as hiperligações (utilização em textos extensos, ligando blocos de informação, notícias anteriores em arquivo, bases de dados ou textos externos), vídeo (a utilização do vídeo se impõe em situações de difícil descrição ou que exijam muito texto), animação (utilizado em situações em que não existe registro em vídeo da situação), gráfico (aconselhado para notícias que contém grandes quantidades de informações técnicas), e áudio (poderá integrar a webreportagem enquanto elemento interpretante).

É possível ver semelhanças entre a narrativa transmidiática e a multimídia (PERNISA JR., 2010). Ambas desempenham métodos mediáticos que conectam diversos veículos com o objetivo de construir uma grande história. São muitas as possibilidades de entradas para esse universo, sendo assim, não há a pretensão da história ser lida em sua totalidade, uma vez que esta história transita por diversos meios e linguagens. Este universo se constrói em uma estrutura muito similar à de uma rede, onde os mais diversos pontos se conectam formando o todo, sincronizados de forma a não cair em redundância de conteúdo e contando com alto índice de participação das pessoas. O hipertexto – ou a hipermídia – também são reflexos e elementos desta mesma rede.

Esta construção em rede de matérias jornalísticas ilustra as ideias da transmídia e da multimídia serem bastante abrangentes. Mas, a diferença entre transmídia e multimídia se dá pelo fato da primeira utilizar diferentes plataformas para contar a mesma história, enquanto a segunda usa mídias variadas para desenvolver uma mesma narrativa.

Para compreender a transmídia e a multimídia aplicadas ao conteúdo editorial dos meios de comunicação, é preciso compreender o formato de “pirâmide deitada” em que o desenrolar da informação no texto não vai, obrigatoriamente, da mais importante para a menos importante, o desenvolvimento da matéria jornalística se apresenta de um nível com menos informação para sucessivos níveis de informação mais aprofundados e diversificados sobre o assunto.

Essa ideia de a matéria jornalística funcionar como uma rede se deve muito ao hipertexto. O hipertexto, tecnicamente, configura-se por um conjunto de nós ligados por

conexões. Os nós podem ser textos, imagens, páginas, gráficos ou partes de gráficos, sequências de som e documentos complexos que podem ser hipertextos. Navegar no hipertexto é traçar um caminho o mais complexo possível através da rede. Porque cada nó pode conter toda a rede.

Partindo de uma perspectiva técnica, o hipertexto conecta palavras e frases com significados interligados, demonstrando assim que qualquer texto pode ser um hipertexto, estabelecendo uma rede de associações na mente do leitor. Qualquer leitura que fazemos é baseada em uma prática hipertextual. Qual o indivíduo que não associa seus pensamentos a outros textos e repertórios? O hipertexto surge com a escrita e a leitura, não com a Internet. Adentrando no campo virtual, a atuação do usuário leva a um importante tema no campo da cibercultura: a interatividade.

A interação ocorre na medida em que o comportamento de um, influencia o comportamento do outro. Alê Primo (2000) classifica a interação entre mútua e reativa, dizendo que a primeira se apresenta como plena e a segunda como limitada e fraca. Dentro desta perspectiva, o tipo de interação que possibilitaria um hipertexto de forma coletiva e não individual, seria a mútua, onde o papel do usuário se complementaria com o do programados, onde ambos poderiam modificar os hipertextos e incluir *links* nos mesmos. O que se nota no atual momento na Web é uma interação reativa, pois o usuário está restringido a escolher e navegar pelas opções de *links*, sem poder adicionar novos *links* pois isso não é permitido. Por isso a prática hipertextual da Internet não pode ser considerada, verdadeiramente, interativa.

A Rede ainda não alcançou o estágio de interação para que o conhecimento seja construído de forma coletiva e plena, uma vez que a unilateralidade na criação dos *links* prevalece, não permitindo que os usuários da rede incluam seus próprios *links* (AQUINO BITTENCOURT, 2006). Com o aparecimento de ferramentas que viabilizam uma escrita efetivamente coletiva, via hipertexto, como o Wikipédia, inicia-se a passagem para a Web 2.0 e pode-se visualizar as possibilidades de uma construção coletiva.

A autora Maria Clara Aquino explica que nesta construção coletiva três princípios estão envolvidos:

- a) Quanto mais pessoas utilizarem o hipertexto, podendo modificar seu conteúdo e incluir novos links, mais ricas de informação serão as páginas;
- b) A construção coletiva do hipertexto coloca todos como co-desenvolvedores,

- praticamente anulando a escrita individual nesse contexto;
- c) O aumento do uso aliado à co-participação no desenvolvimento do hipertexto propicia a formação de uma inteligência coletiva.
(AQUINO BITTENCOURT, 2006, p.4).

Duas ferramentas que contém um caráter coletivo são os blogs e o Wikipédia, o primeiro por disponibilizar para os usuários barra de comentários, onde estes podem inserir *links*. Além da *linkagem* de outras páginas, realizadas pelos próprios blogueiros e uma modificação na rede hipertextual como um todo. Mesmo que o leitor não possa interferir no *post*, ele pode se tornar um colaborador do dono do blog. No segundo, as páginas do Wikipédia podem ser alteradas sem a prévia autorização do autor da página, o que acaba tornando todos autores e com que o texto nunca tenha uma versão definitiva. Cada alteração se mantém salva dentro do sistema, podendo ser verificada retrospectivamente.

3.1.1 Webjornalismo e Saúde

O foco desta fundamentação teórica não é jornalismo e saúde, e sim jornalismo digital e jornalismo multimídia, mas por entender que o tema perpassa esse campo de estudo do jornalismo, é necessário falar um pouco sobre como o jornalismo age na promoção da saúde, no caso aqui, da saúde das pessoas com síndrome de down. Além de divulgar conhecimento científico sobre saúde em ambientes online. No artigo, “Webjornalismo em saúde: práticas e criação de espaço online para a promoção da saúde”, os autores, com auxílio de profissionais da saúde, explicaram sobre a necessidade de buscar alternativas para melhorar o jornalismo desenvolvido na web sobre nessa área (CORREIO, et al., 2016).

Um dos obstáculos que os jornalistas enfrentam é o fornecimento de informações relacionadas à área, fazendo uso de fontes profissionais especializadas, traduzindo os dados e conteúdos de uma forma que seja acessível e de fácil compreensão para o maior público possível. O principal desafio é o de passar essas informações de forma a não comprometer as informações técnicas e os dados, enquanto busca diminuir as chances de más interpretações pelo público. Por isso, os conglomerados de comunicação representam uma contribuição tão importante para a saúde pública e coletiva.

Grande parte dos internautas buscam informações de saúde na internet, esse comportamento da população pode ser encarado até como um ponto positivo, já que a busca

por informações online não vem eliminando o contato com o profissional da saúde. Em contrapartida, os espaços online criados por usuários desafiam os profissionais da saúde pois muito se discute sobre a veracidade e validade dos dados. Para além de promoção, Emiliana Sofia Coelho Gomes (2012) também considera a comunicação uma forma de prevenção da saúde. No sentido de que a utilização de estratégias comunicacionais para propagar informação, influencia a conscientização dos indivíduos e do coletivo no objetivo de promover a saúde.

A autora também afirma que a imprensa vê a saúde como mercadoria:

Nos dias de hoje, as notícias de saúde são tidas como um produto cujo objetivo é ser vendido, sendo a saúde vista como uma mercadoria. Neste sentido, os meios de comunicação tendem a afastar-se dos verdadeiros problemas que inquietam a população, sendo a participação dos media na promoção da saúde quase nula. (GOMES, 2012, p. 344).

3.2 ESPECIAL E REPORTAGEM MULTIMÍDIA

Os espaços de tratamento da informação em um webjornal podem ser divididos em: últimas notícias, cobertura cotidiana e especiais (MIELNICZUK, 2003). "Últimas Notícias" é a parte anunciada na primeira tela, que contém informações em formato de nota imediatamente disponíveis para explorar a possibilidade de atualizações contínuas. Ao clicar no título, será exibida a notícia completa. "Cobertura cotidiana" são matérias de cobertura de rotina do veículo que ocupam o espaço da tela. São utilizadas fotografias e, em alguns casos, links para arquivos de vídeo ou de som.

Os "especiais" referem-se à mais ampla gama de materiais informativos que passam mais tempo explicando e ocupando uma parte específica do webjornal. Esse material também pode não ser extenso, mas apenas uma iniciativa vinda de editores e jornalísticas, e que não fazem parte das coberturas diárias. Basta entrar em portais de notícias locais, por exemplo, e constatar que alguns deles possuem uma aba no menu chamada "especiais" que se enquadram nessa divisão.

Por décadas o jornalismo online tem explorado as características dos meios digitais no objetivo de desenvolver uma linguagem própria. As práticas jornalísticas nos meios digitais de comunicação requerem a compreensão das metamorfoses pelas quais passam a

linguagem. Como já foi mencionado anteriormente, entre as características responsáveis pelas mutações nos formatos jornalísticos nos meios digitais está a multimídia. Essas narrativas multimidiáticas no webjornalismo tem, de maneira exponencial, se desenvolvido graças aos avanços técnicos de *hardware* e *software* (LONGHI, 2010a), acompanhando as mudanças da web.

São diversos os formatos de narrativas, partindo da infografia interativa até o chamado “especial multimídia”, passando pelo slide-show com áudio e outras expressões do jornalismo multimídia na web. A terminologia “especial multimídia” tem sido empregada para definir a produção jornalísticas que faz uso dos elementos multimidiáticos integrados (imagens, sons e texto).

O autor Ramón Salaverría (2014) entende que os cibermeios utilizam a multimídia em dois aspectos distintos: por justaposição, quando os elementos - texto, imagens e sons são colocados lado a lado, de forma desagregada; ou por meio de integração, que ocorre quando esses elementos são combinados no mesmo suporte e figuram uma unidade comunicativa, com um discurso singular e coerente.

O conceito de intermídia faz parte dos estudos mais recentes a respeito das linguagens hipermediáticas, que resulta da integração e combinação dos elementos multimídia em um formato atual, diferente dos que operam para lhe dar a configuração por meio da combinação e rearranjo. O formato entendido como “especial multimídia” pode ser definido pelas características de sua linguagem e pelas características ligadas ao gênero de formato informativo (LONGHI, 2010a). Dentro do que se entende por “especial multimídia” aparecem formatos tão diversos como entrevistas, depoimentos, documentários, reportagem, entre outros.

Na tentativa de chegar a uma definição de especial multimídia, é importante observar a convergência, não somente de linguagens, como de gêneros. Pois o especial multimídia pode ser definido como:

O especial multimídia é um produto que reúne diferentes linguagens recombinadas em diferentes narrativas e gêneros, tornando-se um gênero jornalístico próprio dos meios digitais (LONGHI, 2010a, p. 160).

Nos termos usados nesta definição, "formato de linguagem multimídia convergente"

é entendido como aquele composto por linguagens textuais, visuais e/ou sonoras, como arquivos de imagens móveis e estáticas, representações de texto e arquivos de som. Estes são agregados de forma integrada, ou seja, na mesma página e apresentam uma unidade coesa e informativa.

A maioria dos especiais multimídias cobre uma ampla gama de tópicos, com diferentes métodos e formatos narrativos. Em muitos casos, além das mensagens de texto, você também pode ouvir e ver entrevistas em áudio e vídeo, infográficos, recomendações e galerias de fotos. Uma vez que o especial multimídia é o produto da recombinação de diferentes linguagens com diferentes narrativas e gêneros, tornou-se um gênero noticioso típico da mídia digital. A reportagem multimídia pode ser, então, considerada um especial multimídia.

No artigo “O turning point da grande reportagem multimídia” a autora Raquel Ritter Longhi (2014) contextualiza a relação do período atual com o desenvolvimento dos diversos formatos expressivos da notícia. Ela explica que o ambiente multimídia do jornalismo online está vivenciando um momento de transformação e “virada” desse tipo de produção noticiosa.

Após duas décadas da presença do jornalismo nos meios digitais, nos quais os slideshows e especiais multimídias receberam grande destaque no desenvolvimento da linguagem hipermediática do meio; podemos constatar essa transformação das características do design, formatos de narrativas e estratégias de navegação. Esse fenômeno é especialmente verificado em webjornais e portais de referência.

O desenvolvimento do ambiente HTML5 e do CSS3 (linguagens de marcação utilizada na construção de páginas na web), dentre outras ferramentas de exibição e produção de conteúdo, são grandes responsáveis pela consolidação da grande reportagem nos meios digitais. De outro lado, observa-se a definição conhecida como jornalismo *longform* e narrativa mais verticalizada, que acarretam debates sobre a qualidade jornalística desses novos padrões narrativos textuais.

No mesmo artigo, a autora destaca como ocorreu a evolução desses formatos noticiosos multimidiáticos. Por volta dos anos 2000 as qualidades expressivas dos especiais multimídias passaram a ser destacadas, utilizando as potências do ambiente hipermediático e de softwares como o Flash. Neste momento estas produções foram chamadas de flashjournalism, com o avanço das mais recentes ferramentas de produção e hardware foi

perceptível um salto na capacidade expressiva desse tipo de produção noticiosa.

Partindo do fim da década de 2000, o HTML5 abriu novas possibilidades e as produções multimidiáticas jornalísticas se reinventaram, anunciando o que aparenta ser uma concretização da grande reportagem multimídia. Em 2013, no 14º ISOJ – International Symposium on Online Journalism, na Universidade de Austin, Jill Abramson (diretora executiva do The New York Times), afirmou que a grande conquista da grande reportagem multimídia Snow Fall – The avalanche at Tunnel Creek, lançada em 2012, foi que a expressão “to snow fall” ter se tornado um “verbo” no jornalismo americano (DI GIACOMO, 2013).

Na verdade, este projeto multimídia, definido pelo NYTimes.com como um *multimedia feature*, conta a história de uma avalanche que matou três esquiadores nos Estados Unidos. Teve um profundo impacto sobre o meio jornalístico e ganhou muitos prêmios, incluindo um Pulitzer para o artigo de John Branch.

Em grande medida, a influência da navegação, design e narrativa multimídia do projeto é atribuída ao uso da linguagem de marcação HTML5, que é a quinta evolução do HTML (Hypertext Markup Language) usada para construir e apresentar conteúdo na World Wide Web. Junto com outras ferramentas adicionais, HTML5 traz novas possibilidades técnicas para a integração de conteúdo multimídia, incluindo design de interface e imersão narrativa.

De acordo com vários críticos, como Malik (2013). Definimos este projeto Snow Fall como uma grande reportagem multimídia, que alcançou um sucesso sem precedentes e trouxe uma grande audiência ao jornal. Segundo o mesmo autor, o New York Times, baseado em Snow Fall, “pode construir um novo modelo de negócios a partir desse tipo de projeto e mudar a definição do jornalismo no novo século” (n.p.). Produtos de notícias hipermídia, ou seja, produtos que utilizam recursos de multimídia e ambientes digitais de rede, surgiram em meados dos anos 2000.

Desde então, os avanços nas ferramentas e tecnologias de acesso à Internet e em plataformas como computadores pessoais, tablets e celulares tornaram mais fácil a obtenção de notícias, que estão em todos os lugares do dia a dia. Ao longo dessa trajetória, os formatos de notícias também têm superado a si próprios e os desafios do jornalismo em reter leitores e atrair novos públicos, principalmente por meio da integração de tecnologia, empresarial, profissional e, principalmente, o campo editorial.

No processo de desenvolvimento de notícias hipermídia nos últimos anos, o formato também mudou, de modo que na situação atual se verificou um ponto de inflexão: um momento de maturidade, onde se solidificam formas de fazer no que se estabelece como grande reportagem multimídia, onde características como design, narração e navegação se destacam para proporcionar maior qualidade a este tipo de produto.

A grande reportagem multimídia tem se destacado no jornalismo online como o lugar onde o jornalismo tem explorado as infinitas possibilidades de linguagens e suas convergências do meio digital. São percebidas três fases na exploração da linguagem hipermídia:

1. o slideshow noticioso e os primeiros produtos noticiosos multimidiáticos, no início dos anos 2000;
2. os especiais multimídia, de meados de 2002 a 2011;
3. a grande reportagem multimídia, de 2012 em diante. (LONGHI, 2014, p. 901).

Esses produtos são definidos por Longhi (2014) como formatos noticiosos hipermidiáticos, o que significa que eles são produzidos e distribuídos nos meios digitais e detêm de características de conexão, interatividade, multimidialidade e convergência de uma linguagem própria hipermídia e do ambiente online de informação. Entre os formatos estão: áudio-slideshows, picture stories, infografia online, especiais multimídia e a grande reportagem multimídia.

Não apenas no aspecto técnico, também se verifica uma renovação na narrativa jornalística no ambiente digital, especialmente no que diz respeito à aposta dos grandes portais e jornais, no que tem sido chamado de jornalismo *longform*, matérias com mais de 4000 palavras, ou grandes reportagens com entre 10 e 20 mil palavras (LONGHI, 2015). A minha produção “Alagoanos comprometidos em melhorar a qualidade de vida das pessoas com síndrome de down”, é considerada uma grande reportagem, uma vez que ultrapassa a contagem de 10 mil palavras.

O termo “Jornalismo longform” tem sido usado para definir artigos longos com uma grande quantidade de conteúdo (LONGHI, 2015). Esses artigos têm se tornado cada vez mais populares na Internet, sites de notícias, agregadores de textos jornalísticos e de não ficção longform nos últimos anos. Por exemplo, Longform.org, que coleta artigos, conforme relatado pelo site, é patrocinado Writing Program da Universidade de Pittsburgh, com mais de 2.000 palavras.

Nas narrativas jornalísticas longform, surge um ponto de virada em relação aos produtos em forma de especiais multimídias, que dominaram até então, nos quais os textos, em geral longos, são processados e fornecidos na forma de fragmentos, divididos nas diversas seções dos produtos. Trata-se de explorar as possibilidades de textos, possibilidades de navegação e leituras mais imersivas.

A grande reportagem *The long strange trip of Dock Ellis* (2012), produzida pela ESPN, revolucionou o jornalismo na época, destacando tanto o design quanto a experiência imersiva da leitura, sem abandonar o protagonismo do texto longform. Este formato de narrativa de texto mais consistente, que segue o padrão de leitura vertical dado pela barra de rolagem, marca a grande reportagem multimídia contemporânea. Ao mesmo tempo, responde a uma questão sobre a qualidade das narrativas jornalísticas quando o texto é fragmentado em produtos como especiais multimídia.

Entre os elementos principais para a reportagem multimídia, encontra-se a infografia. Esta é uma informação visual, gráfica e comunicativa que se concretiza através da junção entre um “desenho” e um texto (o desenho é enfatizado pelo texto alusivo). Nos meios impressos esse formato é aplicado para ampliar a clareza de algo informativo tratado no texto. Na *web*, entretanto, a infografia pode tanto servir como complemento de uma notícia como ser a própria notícia.

A infografia multimídia retém as características básicas da infografia impressa, mas por ser realizada por outros processos tecnológicos, agregar o potencial da mídia e a apresentar em outra forma de suporte, ela expande suas funções e incorpora novas formas culturais. A infografia multimídia pode aproveitar-se das sete características do webjornalismo (CANAVILHAS, 2014).

O infográfico foi projetado para promover a comunicação, expandir o potencial de compreensão dos leitores e permitir uma visão geral dos eventos e informações detalhadas que não são familiares ao público. Um bom infográfico vai dar a sensação de ser independente das coisas, não é redundante ao acompanhar o texto, pode ajudar o leitor a entender o conteúdo da notícia, permite que o leitor leia com facilidade e compreenda totalmente o assunto.

Beatriz Ribas (2004) acredita que todos os infográficos multimídia webjornalísticos são: informativos, narrativos, interativos, simuladores e exploratórios. A autora sugere que,

a partir dessas características, esses infográficos podem ser organizados por Tipo, Status e Categorias. O tipo autônomo é quando o infográfico é a própria matéria da notícia. Enquanto o complementar, pode ser usado como informação adicional para texto, que é o uso mais comum. Já o estado pode ser de atualidade, sendo construído os usando eventos, e de memória quando constrói um acervo a respeito da temática da matéria.

Por fim, as categorias dos infográficos são: sequencial, relacional e espacial (RIBAS, 2004). A primeira categoria é a dos infográficos que classificam eventos, processos ou fenômenos em detalhes. A segunda refere-se aos infográficos que mostram o processo para que o leitor possa compreendê-los na relação de “*causa-consequência*”. A última se trata da infografia espacial, que cria ambientes na versão virtual. Em todas as observações da autora a respeito dos infográficos interativos no webjornalismo são exemplos das formas que eles podem ser realizados para uma reportagem multimídia.

PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO

O processo de produção jornalística começou com a idealização da pauta voltada para o jornalismo multimídia e a formulação dos roteiros para as diversas entrevistas. Utilizei um sistema de tabelas para visualizar as entrevistas que deveriam ser feitas, em quais datas e com quais fontes, dessa forma pude ir administrando um checklist que serviu de norte durante toda a etapa de entrevistas. Utilizei as técnicas jornalísticas de produção de reportagem, aprendidas ao longo da minha formação: pesquisa, observação, entrevista, documentação e checagem.

Ao formular as pautas, fiz pesquisas sobre os assuntos referentes a cada uma das retrancas e conversei com os principais líderes dos institutos para entender quais caminhos a reportagem poderia tomar, quais as principais dúvidas que eles percebiam que vinham da comunidade down, bem como de pessoas que não tinham conhecimento do assunto. A ajuda dos institutos foi fundamental, foram eles que me cederam os contatos das principais fontes e auxiliaram durante toda a etapa de formulação de pauta, mediarão a viagem que realizei durante a “Caravana da Inclusão” e deram suporte para que as entrevistas pudessem ocorrer.

Posteriormente, decidi quais mídias e formatos seriam utilizados para cada entrevista, de acordo com a temática, fonte e estrutura visada para a reportagem. Dei preferência ao material audiovisual para entrevistar as pessoas com síndrome de down, já que é um formato com muitas possibilidades e que permite que eles ocupem um espaço de destaque na reportagem, com suas vozes e imagens, podendo atuar como protagonistas. Ao entrevistar profissionais da saúde, preferi fazer a transcrição de seus áudios para texto, para que assim pudesse editar as linguagens técnicas e transformar numa linguagem clara e acessível a todas as pessoas. As mídias foram divididas em áudio, audiovisual, fotografia e texto.

Foram estudadas as temáticas de jornalismo digital, reportagem multimídia, webjornalismo, jornalismo e saúde, e jornalismo multimídia, para compreender melhor o formato proposto. Foi realizada uma pesquisa sobre o universo da síndrome de down no estado de Alagoas e quais as principais necessidades desse grupo. Após definir a pauta e coletar e as informações iniciais sobre as fontes e possíveis entrevistados, foram feitas apurações jornalísticas e checagem de informações com os diversos especialistas entrevistados, realizados pesquisas e trabalhos sobre o tema da síndrome de down relacionados a comunicação, e foi percebida a escassez de projetos e de dados estatísticos

destinados a comunidade. O que foi a motivação do texto inicial da reportagem, onde foi problematizada a falta de dados, estatísticas e pesquisas sobre o tema na minha área de formação.

Após realizar pesquisas, definir a pauta, entrar em contato com as fontes e definir quais formatos seriam utilizados, deu início a etapa das entrevistas. Neste momento a observação foi a grande chave. Estando com os entrevistados e nos ambientes que envolviam o tema, vários detalhes levaram a grandiosas descobertas. Estar em contato com as pessoas com síndrome de down, profissionais da área e instituições, fez com que a reportagem tomasse um caminho para além de qualquer expectativa. As entrevistas foram preparadas com antecedência, mas muitas vezes, fugiam do roteiro, quando novos questionamentos e soluções surgiam durante o processo. Todas as informações, dados e estatísticas foram checadas com diversas fontes. Todo o material, audiovisual, fotografias, textos e tudo o que foi produzido ao longo da reportagem, está documentado e salvo em arquivos online.

Em sua grande maioria, as entrevistas foram feitas de maneira presencial, contando como equipamentos o gravador do celular LG K10 e uma câmera digital Canon SX 400 IS. As entrevistas que não foram feitas de forma presencial foram realizadas por e-mail, ligação ou via WhatsApp. Apenas foram entrevistados dessa forma as fontes que não residiam mais em Alagoas.

Tive contato com especialistas e figuras públicas de cada retranca, como também com pessoas com síndrome de down e seus familiares, fazendo com que o diálogo fosse plural, vasto e completo. As retrancas foram divididas em “Babi me ensinou”, “População down necessita de dados precisos”, “Particularidades da síndrome de down”, “Acompanhamento com profissionais da saúde”, “Estimulando o desenvolvimento”, “Legislação e políticas públicas”, “A jornada da educação inclusiva”, “Mercado de trabalho e autonomia”, “O papel das instituições”, “Arte e cultura” e “Babi é fera UFAL”.

Em “Babi me ensinou” a reportagem relata minha história com Babi e de que maneira ela inspirou a realização deste trabalho. Também fala sobre a exclusão social enfrentada por esse grupo, suas principais carências e de que forma tive acesso as iniciativas realizadas por eles. Em seguida, na retranca “População down necessita de dados precisos”, a reportagem explana a questão da falta de estatísticas voltadas para essa comunidade e de que maneira isso implica o acesso à informação e às políticas públicas de qualidades para as pessoas com

síndrome de down. A reportagem alerta para a gravidade da falta desses dados e da dificuldade em mensurar as necessidades de intervenções por iniciativas governamentais.

Em “Particularidades da síndrome de down” foi entrevistado o geneticista Reinaldo Luna, que explicou como ocorre a síndrome de down, suas principais características, outros tipos de alterações cromossômicas, tipos de exames que devem ser realizados pela gestante e possibilidade de recorrência em outras gestações. Também foi entrevistada a copresidente do Instituto Amor 21 que contou sua experiência na descoberta do diagnóstico da síndrome de down de seu filho Arthur.

Na retranca “Acompanhamento com profissionais da saúde” foi entrevistada a cardiopediatra Adriana Cunha, que explicou quais são as principais cardiopatias congênitas relacionadas a síndrome de down, quais são os tipos e possibilidades de tratamento. Ela contou quais são os principais profissionais da saúde que devem acompanhar o indivíduo com síndrome de down desde a infância.

Em “Estimulando o desenvolvimento” foram entrevistadas as terapeutas ocupacionais Márcia Izabela M. Porangaba e Nara de Melo Peixoto, que explicaram o que é e quais os benefícios da terapia ocupacional. A fonoaudióloga Adriana Ribas também concedeu entrevista onde explicou o quão fundamental é essa área de atuação na vida desses indivíduos. A fisioterapeuta Bárbara Cavalcante finalizou a retranca explicando a importância do acompanhamento de um fisioterapeuta desde o início da vida das pessoas com a síndrome.

Na retranca “Legislação e políticas públicas” o Down to You entrevistou especialistas para falar sobre a relação entre as políticas públicas em Alagoas e a inclusão social das pessoas com síndrome de down e a respeito de seus direitos no âmbito da sociedade. A primeira entrevistada foi a Deputada Federal Tereza Nelma, eleita pelo estado de Alagoas que explicou como as políticas públicas atuam na vida desse grupo no estado. Foi entrevistado o Dr. Elias Ferreira, presidente da OAB de Alagoas, sobre os principais direitos e legislações em vigor para pessoas com síndrome de down e quais são os próximos passos em direção a leis ainda mais inclusivas.

Para encerrar essa retranca, foi entrevistada a psicóloga Patrícia Stankowich que esclareceu os efeitos da reforma da previdência nos direitos de pessoas com síndrome de down. A retranca de educação inclusiva contou com o depoimento de psicopedagogas,

grupos e instituições que estão comprometidos em garantir que a jornada da educação seja o mais qualitativa possível. Entre os projetos abordados, estão uma instituição de reforço para crianças e jovens-adultos com síndrome de down, a cartilha da inclusão criada pelo Instituto Amor 21 para educar as escolas sobre as questões de inclusão e um projeto promovido pela Universidade Federal de Alagoas chamado “Cromossomos”.

Sobre mercado de trabalho e autonomia, o Down to You entrevistou os principais responsáveis de cada uma das etapas para que jovens com síndrome de down possam entrar no mercado de trabalho. O projeto “emprego apoiado” é promovido pelo Instituto Amor 21 e realiza o contato entre empresas e jovens os capacitando e oportunizando vagas a eles. Foram entrevistados os jovens que fazem parte do projeto, bem como uma das empresas que ofertou as vagas. O papel das instituições é crucial em cada um dos setores das vidas desses indivíduos e seus representantes foram entrevistados contando a história de seus institutos e quais projetos estão em andamento.

Os pilares de arte e cultura foram abordados na matéria em uma entrevista com Sammy Siqueira, artista plástico alagoano com síndrome de down, que dividiu sua história e processos com o Down to You. A reportagem abordou a temática da importância da representatividade com o diretor do filme “Cromossomo 21”, longa estrelado por uma atriz com síndrome de down.

A personagem principal da matéria é Babi, minha melhor amiga e inspiração deste produto. A reportagem começa com suas lições e termina com sua aprovação na Universidade Federal de Alagoas, grande sonho de Babi.

Após finalizado o processo das entrevistas, o trabalho foi dividido em três etapas: edição do material multimídia, edição do texto da reportagem e design do site. As edições das mídias audiovisuais foram feitas por mim através do editor “Movavi” e o tratamento das fotos foi feito através dos aplicativos “VSCO” e “Remini”, utilizando técnicas de edição aprendidas ao longo da minha formação. A edição da reportagem foi feita inicialmente por mim e posteriormente por minha orientadora, professora Laís Falcão, na etapa das correções.

O web design foi feito por mim e por Laís Farias, a designer desenvolveu a logo, o background e os infográficos utilizando o aplicativo “Autodesk sketchbook”, juntas decidimos a fonte “Poppins semi bold” disponibilizada pela própria plataforma e fizemos um estudo de cores utilizando referências online voltadas para a temática da síndrome de down.

O restante do design (âncoras, mídias, faixas, animações, *parallax scrolling* e arquitetura da informação) foi desenvolvido por mim utilizando ferramentas da própria plataforma “wix.com”, a plataforma escolhida forneceu as ferramentas necessárias para a formulação de uma narrativa longa e diversificada, uma vez que essa foi composta por uma variedade de mídias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A grande reportagem multimídia foi um produto que abarcou o formato de reportagem multimídia, jornalismo digital e seus subcampos webjornalismo e jornalismo multimídia. O resultado final foi um site na plataforma “wix.com” que utilizou de todas as ferramentas aprendidas minha formação de jornalista: texto, áudio, fotografia, infográficos e audiovisual. Possibilitando um maior aprendizado e domínio prático que se mostraram essenciais na minha vida acadêmica e profissional.

A matéria conseguiu se aprofundar com riqueza de detalhes no universo da síndrome de down em Alagoas e na jornada das personagens que fazem parte do desenvolvimento e lutam pela qualidade de vida desse grupo, bem como nos desafios enfrentados pelas pessoas com a síndrome. O motivo da escolha do tema foi a necessidade desses indivíduos perante a escassez de informação e produções acadêmicas que tivessem como objeto de estudo a síndrome de down no cenário alagoano.

Alguns problemas técnicos foram enfrentados com a plataforma “wix.com”, pois apesar de ser um site de qualidade, existem certos problemas que inviabilizam que o site seja utilizado em sua máxima potência. A questão principal é a de que em alguns computadores o site se apresenta de forma desconexa para o usuário, questão que foi solucionada em parte entrando em contato com a assistência técnica, mesmo assim alguns computadores seguem com esse problema.

A parte de design responsivo também apresentou problemas, certamente, por ser um recurso recente oferecido pela plataforma e que precisa de reparos. Partes do texto e das mídias desaparecem nessa função e a diagramação se torna muito difícil, senão impossível. Entrei em contato com a plataforma para solucionar a questão e sigo no aguardo por um retorno.

As retrancas escolhidas visam reunir os principais aspectos da vida desse grupo, bem como esclarecer as dúvidas que podem surgir dentro da comunidade social, entre famílias e pessoas com síndrome de down, no âmbito acadêmico e servir de referência para futuras pesquisas. E se desenvolveram em assuntos como saúde, legislação e políticas públicas, educação, mercado de trabalho, instituições, arte e cultura. Foram entrevistados profissionais, especialistas, instituições, pessoas com síndrome de down e suas famílias.

Ao longo da reportagem multimídia foram esclarecidos todos os objetivos específicos

estabelecidos no projeto do trabalho. Foram contadas as histórias dos alagoanos com síndrome de down, explanadas as questões psicossociais que envolvem esse grupo e suas famílias, analisou-se a função e a relevância das instituições de apoio. Também foram investigadas a ocorrência da inclusão no mercado de trabalho e institutos de ensino, bem como foram discutidas as propostas e posicionamentos de representantes de órgãos públicos sobre acessibilidade e políticas públicas voltadas à comunidade com síndrome de down.

Entre as descobertas da reportagem estão a ausência de dados voltadas para esses indivíduos e sua problemática, diversos avanços no campo da saúde que possibilitaram maior expectativa de vida a essa comunidade, uma maior dedicação a educação inclusiva na prática, deficiências e evoluções no setor das legislações e políticas públicas, abertura do mercado de trabalho garantindo uma série de direitos e autonomia, a importância da representatividade na arte e na cultura e a relevância do trabalho árduo e contínuo dos institutos em prol da equidade de direitos e qualidade de vida.

A vida, dificuldades e conquistas da personagem principal, uma acadêmica com síndrome de down, foi um dos principais focos da reportagem. Ao longo da matéria, foram explorados diversos contextos de sua vida, como ela inspirou esse trabalho, sua entrada no mercado de trabalho e a conquista de seu maior sonho: sua aprovação na UFAL. Babi teve a oportunidade de ler a reportagem e ficou extremamente emocionada por ter sido minha inspiração e orgulhosa pela qualidade do trabalho. O que despertou um desejo, não apenas de divulgar esse material por todo estado de Alagoas com a ajuda dos institutos e entrevistados, mas também de dar continuidade ao trabalho futuramente, utilizando o formato de podcast.

Enquanto jornalista, essa foi uma experiência riquíssima e repleta de aprendizados. Tive a oportunidade de exercer a profissão, trabalhando com os mais diversos formatos e aprendendo muitas coisas na prática, como como realizar uma entrevista seguindo uma conduta ética, empática e humanizada. Esse, certamente, foi o fator mais importante para minha formação. Enfrentei como principal dificuldade a falta de informação sobre a temática em Alagoas, o que inviabilizou o acesso às informações que precisaram ser descobertas durante as entrevistas com os profissionais e foi dessa maneira que realizei a apuração das informações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reportagem multimídia abordou o cenário da síndrome de down no estado de alagoas e deu voz aos alagoanos que estão comprometidos em melhorar a qualidade de vida das pessoas com síndrome de down, bem como deu espaço para as pessoas com síndrome de down dividirem suas realidades em diversos âmbitos de suas vidas. Existem muitas carências deste grupo que não são atendidas pelo governo. Em decorrência disso, houve uma junção das famílias que deram origem às instituições que buscam suprir as necessidades das pessoas com down. Esses grupos visam garantir que esses indivíduos tenham desenvolvimento saudável, relacionamentos afetivos, direitos garantidos, educação inclusiva, e espaços no mercado de trabalho e na cultura.

A fundamentação teórica e a minha formação acadêmica foram os dois elementos mais importantes para a construção dessa reportagem. A bibliografia me permitiu um aprofundamento nas leituras do tema escolhido e do formato proposto, permitindo um aprendizado aprofundado da temática o que auxiliou todo o processo de compreensão, construção e confecção da reportagem multimídia. As leituras foram extremamente importantes para aprimorar o trabalho prático da jornalista. A formação acadêmica proporcionou toda a base necessária para a conclusão da reportagem multimídia, todo o aprendizado acadêmico fornecido pelos docentes da UFAL trilhou meu caminho até este presente trabalho de conclusão de curso, o que me transformou em uma profissional instruída e qualificada para exercer a profissão de jornalista.

Um dos principais desafios apontados pela reportagem foi a escassez de pesquisas e dados voltadas a esse grupo o que é um problema gravíssimo e acaba dificultando ainda mais o acesso não apenas à informação, mas às políticas públicas afirmativas que garantam oportunidades e qualidade de vida voltada para essas pessoas. Sem estatísticas não há forma de mensurar a quantidade muito menos a necessidade real de intervenções por iniciativas governamentais que possam cumprir seu papel com a população down.

As particularidades orgânicas e psicossociais da síndrome foram abordadas por grandes profissionais alagoanos e especialistas da saúde no campo da genética, cardiologia, fonoaudiologia, fisioterapia, terapia cognitiva comportamental. Saciando as principais

dúvidas sobre as questões que abrangem a qualidade de vida das pessoas com a síndrome. A reportagem acionou os principais especialistas que fazem parte da vida desses indivíduos, desde a gravidez até a vida adulta.

A temática da síndrome de down em Alagoas e a narrativa dos personagens responsáveis por trazer maior qualidade de vida para esse grupo tem um papel social importante. É também relevante para o meio acadêmico, uma vez que essa é uma pauta pouco abordada na comunidade e que precisa de visibilidade e voz. Socialmente faz um papel de gerar informação sobre o tema, como também proporcionar que os preconceitos e barreiras sejam combatidos. Individualmente, produzir essa reportagem proporcionou um grande crescimento pessoal, acadêmico e profissional. Algo que a levarei comigo para sempre.

REFERÊNCIAS

AQUINO BITTENCOURT, M.C.. **A Web 2.0 e o Hipertexto como Vetores de Construção de uma Memória Coletiva no Ambiente das Páginas Web**. In: Intercom 2006 - XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006. v. 1. p. 1-15.

AQUINO BITTENCOURT, M.C.. Um Resgate Histórico do Hipertexto: O desvio da escrita hipertextual provocado pelo advento da Web e o retorno aos preceitos iniciais através de novos suportes. **Razón y Palabra**, v. 1, p. 1-15, 2006.

BASTOS, Helder. **Jornalismo Electrónico. Internet e Reconfiguração de Práticas nas Redacções**. Coimbra: Minerva, 2000.

CANAVILHAS, João (org). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web**. Trabalho apresentado I Congresso Ibérico de Comunicação. Covilhã. 2001.

CORREIO, et al. Webjornalismo em saúde: práticas e criação de espaço online para a promoção da saúde. **Cinergis**, 2016.

DI GIACOMO, Fred. **Cinco tendências do jornalismo digital mundial**. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/blogs/newsgames/2013/04/>>. Acesso em: 10 jun 2020.

GOMES, Emiliania. Jornalismo de Saúde: Prevenir ou Remediar? **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vol. 9, n. 2, 2012.

LONGHI, R. R. O turning point da reportagem multimídia. Porto Alegre: **Famecos**, 2014.

LONGHI, R. R.; WINQUES, K. O lugar do longform no jornalismo online. Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. **Brazilian Journalism Research (Online)**, v. 11, p. 110-127, 2015.

LONGHI, R. R. Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia. **Estudos em Comunicação**, v. 2, p. 149-161, 2010a.

LONGHI, R. R.; SILVEIRA, M. C. . A convergência de linguagens nos especiais do Clarín.com. **Estudos da Comunicação (Impresso)**, v. 11, p. 157-166, 2010b.

LONGHI, R. R.. Infografia online: narrativa intermídia. **Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC)**, v. VI, p. 187-196, 2009.

MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos (Orgs), **Modelos do Jornalismo Digital**, Salvador: Editora Calandra, 2003.

MALIK, Om. O projeto 'Snow Fall' e o futuro do jornalismo. **Observatório da Imprensa**, 2013.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. Tese de Doutorado. FACOM/UFBA, 2003.

PAVLIK, John. **Journalism and New Media**. New York: Columbia University Press, 2001.

PERNISA JÚNIOR, C.. Jornalismo transmidiático ou multimídia?. **Interin** (Curitiba), v. 10, p. 1-11, 2010.

PRIMO, A. **Quão interativo é o hipertexto? : Da interface potencial à escrita coletiva**. In: Compós 2002 - XI Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2002, Rio de Janeiro. Anais, 2002.

PRIMO, A. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. **Famecos**, Porto Alegre, n.12, p. 81-92, 2000.

RIBAS, B. M. **Infografia Multimídia: um modelo narrativo para o webjornalismo**. In: V Congresso Iberoamericano de Periodismo Digital, Salvador, 2004.

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: Informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João (org). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014.

SUNDAR, S. S. e NASS, C. Source Effects in Users' Perception of Online News. **Media Effects Research Lab**, 1996.

APÊNDICE

Data: 15/02/2019
Pauteiro (produtor) e repórter: Isabela Segala e Isabela Segala
Nome do editor: Laís Falcão e Isabela Segala
Retranca: Síndrome de Down
Tema: A representação de alagoanos com síndrome de down no cenário contemporâneo
Gancho: Evento em comemoração ao Dia Internacional da Síndrome de down promovido pela instituição Amor 21
<p>Relevância/objetivo: A temática tratada será a da representação dos indivíduos com síndrome de down no cenário contemporâneo da capital alagoana. É um assunto extremamente rico e, até o presente momento, pouco abordado em trabalhos na academia, especialmente no campo da comunicação social. Portanto, o objetivo desta reportagem é o de movimentar a pesquisa sobre a pauta, entrevistar fontes dos principais subtópicos e finalizar uma produção jornalística completa e instrutiva sobre o assunto, que possa comunicar as grandes massas e os núcleos acadêmicos, mas também servir como importante documentação, online e acessível, para a comunidade com síndrome de down. Contribuindo para a discussão e repercussão do tema no estado. Auxiliando no crescimento da visibilidade, o que fomenta o interesse pelo tema e exerce a função social de comunicar, instruir e compartilhar informação.</p>
<p>Dimensões de abordagem e procedimentos para o repórter: O direcionamento da reportagem multimídia será relatar a realidade dos alagoanos comprometidos em melhorar a qualidade de vida dos indivíduos com síndrome de down, dentro de uma perspectiva local do estado de Alagoas.</p>
<p>Fontes oficiais Deputada federal Tereza Nelma e Delegado Gonzalo Lopes</p>
<p>Fontes cotidianas Jornalista Fernanda Honorato, professor de teatro Bráulio Famdown, professor de dança Hudson Famdown, produtor cultural Alex Duarte: (diretor do filme “Cromossomo 21”), Bárbara Francielle (trabalha na MapleBear), Maria Vânia (trabalha na MapleBear) e Sammy Siqueira (pintor)</p>
<p>Fontes especialistas Cardiologista Dra. Goretti, psicopedagoga Emília Coutinho, Patrícia Stankowich, especialista geneticista Dr. Emerson Santana e psicóloga Patrícia Stankowich</p>
<p>Fontes documentais Institutos: Life Down, Amor 21, Fam Down, Pestalozzi; Escolas Criar e Recriar, MapleBear e Enactus (projeto cromossomos UFAL) e Instituição de Ensino Superior: Reitoria UFAL</p>